

Editorial

Como *escrever temas* (bem diverso de fazê-lo *sobre* temas) há tanto tempo comuns nas garatujas ‘psi’, quais a infância, a família, a memória, a loucura? Ou mesmo sobre um problema menos antigo nessas mesmas garatujas, como é o caso da cidade, sem recair nas assepsias e higienismos que, aparentemente, voltam a predominar, se é que um dia foi diferente, no âmbito de nossa (infelizmente...) *disciplina*? – perguntam em coro talvez desafinado, já que não ensaiado, os textos que compõem o presente número de *Mnemosine*.

Ele tardou um pouco mais do que o previsto, como quase sempre. Mas veio ainda empurrado pela força das manifestações de 2013, embora já às vésperas de uma Copa que se diz (e se deseja) pacificadora.

Mnemosine não quer pacificar-se e conta, para tanto, com seus leitores, pareceristas, articulistas, secretária e editora. Já é gente suficiente.

Mnemosine também traz, repetindo, paradoxalmente, uma sua inovação, na seção Biografia, a reedição de um daqueles “inencontráveis” textos porque um dia publicado em local ainda mais nanico do que ela.

Mnemosine é minoritária por gosto e por ética. Mas sabe agradecer paciências e desejar prazeres, inclusive textuais, aos que a aguardaram sem ressentimentos. Sabe também apressar-se quanto ao próximo número, sem abusos excessivos.

Logo nos reveremos....

Heliana de Barros Conde Rodrigues